

---

Kirsten Malmkjaer (Edited by). *Translation in Undergraduate Degree Programmes*. Middlesex University: Benjamins Translation Library, 2004, 202 pp.

---

A partir do artigo “The name and nature of translation studies” (1972), de James S. Holmes, a matéria sempre nova da tradução é mapeada como a disciplina acadêmica dos *Estudos da Tradução* (ET) que, aberta à interdisciplinaridade, passa a ter seu espaço próprio nos cursos de graduação e pós-graduação, mundo afora, não sendo mais considerada um subproduto da lingüística, da literatura ou de ambas.

Portanto, é muito bem-vindo o livro *Translation in Undergraduate*

*Degree Programmes*, constituído de 12 artigos sobre temas como: o dilema entre treinar e educar; a profissão do tradutor; currículos; objetivos e expectativas com relação aos cursos de graduação e pós-graduação; o papel da tradução entre os estudos lingüísticos e literários; os *corpora* lingüísticos como ferramentas pedagógicas; a necessidade da teoria da tradução; o desempenho de estudantes em L2; o (des)interesse dos estudantes pelas aulas de tradução; os efeitos dos exercícios de tradução em confronto com os lingüísticos; e o anglo-monolingüismo. O índice (pp. 197–202), em ordem alfabética, inclui termos-chaves e autores constantes de uma bibliografia com mais de 270 referências.

Na introdução, “Translation as an academic discipline” (pp. 1–7), a organizadora Kirsten

Malmkjaer mostra sua leitura sobre os temas de seus pares, ao tempo em que, constatando a tendência ao monolingüismo na Grã-Bretanha, faz a autocrítica – “This trend is already clear to see on the undergraduate programme on which I myself teach” – e propõe a pedagogia da tradução, na integração educacional através do aproveitamento das altas habilidades na língua inglesa por parte dos alunos não-britânicos, para a formação de classes conjuntas em que o direcionamento dos ET será para “text analysis and translation” (pp. 6-7).

Wolfram Wilss, em “Translation studies: a didactic approach” (pp. 9-15), orienta para a combinação entre conhecimento e habilidades, entre teoria e prática para, através do processo cognitivo, transformar “the notorious ‘black box’ of the translator into a ‘white box’”, com a ativação de um corpo de conhecimentos, para evitar a cisão entre a profissão e a disciplina (p. 13).

Silvia Bernardini aborda a disciplina de ET na universidade italiana em “The theory behind the practice: Translator training or translator education?” (pp. 17-29), insistindo na diferença entre os verbos *treinar* e *educar* na pedagogia em geral.

É Rosemary Mackenzie a mostrar, em “The competencies required by the translator’s roles as professional” (pp. 31-38), que a “indústria da tradução” está cada vez mais retratada nas exigências de mercado, neste mundo em que a “especialização e a diferenciação de papéis é uma tendência”. Mackenzie não discute questões de deontologia ou de pedagogia como faz Bernardini. Propõe metodologia desenvolvida a partir do modelo cooperativo de Holz-Mänttari, com ênfase para “text norms in the respective cultures” (p. 37) (sem mencionar Toury) e seguindo alguns passos já mapeados por Williams e Chesterman (2002).

Allison Beeby define “competência” do ponto de vista do treinamento. Parece afastar-se de Bernardini, ao aproximar-se de Mackenzie, propondo no artigo “Language learning for translators: designing a syllabus” (pp. 39-65) um desenho curricular de aprendizado lingüístico para “treinar tradutores profissionais”, que preencha as necessidades de uma específica situação de aprendizagem.

Objetivos e expectativas das faculdades de tradução são o tema de Maria González Davies, no artigo intitulado “Undergraduate

and postgraduate translation degrees: Aims and expectations” (pp. 67–81). Ela traça um panorama dos Estudos da Tradução nas universidades espanholas, defendendo o conhecimento de procedimentos (“knowing how”) na primeira etapa (graduação), para alcançar conhecimento declarativo (“knowing what”) na segunda (pós-graduação) (pp. 78–79), além de destacar o papel da tecnologia nas diversas abordagens pedagógicas.

Do dilema entre teoria e prática, chega-se ao da tradução dividida entre a lingüística e a literatura, no artigo “The role of translation studies within the framework of linguistic and literary studies”, de Sona Prelozníková and Conrad Toft (pp. 83–96). Eles relatam as mudanças na área ocorridas na Eslováquia, após a queda do comunismo e a abertura para a União Européia, e a lacuna numérica entre a demanda e a formação de tradutores.

No seu segundo artigo, “Corpus-aided language pedagogy for translator education” (pp. 97–111), Silvia Bernardini reconhece o valor de Mona Baker para os estudos baseados em *corpora* e trata seu uso na “*language pedagogy for translator education, rather*

*than translation teaching*” (p. 97, grifos no original), graças à sua “descriptive adequacy” (p. 101), como fonte para o aprendizado indutivo, no estudo de dados empíricos e na pesquisa sobre *normas* (Toury, 1995).

Christina Schäffner contribui para a sociologia da tradução, ao pensar tradução não somente como objeto de pesquisa, mas também como prática e profissão, no seu artigo “Developing professional translation competence without a notion of translation” (pp. 113–125), que se desenvolve em dois cenários: o ensino de tradução como parte de um programa de graduação em línguas e o ensino de tradução em um programa de graduação em tradução.

Anne Schjoldager vai direto à pergunta-título de seu artigo, “Are L2 learners more prone to err when they translate?” (pp. 127–149), ao abordar o uso tradicional da tradução pela universidade dinamarquesa como um componente compulsório no ensino e teste de línguas estrangeiras.

Do estudo compulsório ao opcional. Assim Penelope Sewell levanta a polêmica sobre a atração que os cursos opcionais de tradução exercem na Birkbeck, University of London, no confron-

to com os (predominantes) cursos comunicativos de língua. “Students buzz round the translation class like bees round the honey pot – why?, (pp. 151–162) é o jocoso título para as suas especulações “caricaturais” sob os dois tipos de curso que estão, segundo afirma, “based on intuitive observation rather than research findings” (p. 151).

Sewell aponta para um currículo que atenda às necessidades dos introvertidos e aproxima-se de Preložníková e Toft ao atribuir os motivos da preferência pela tradução à idéia distorcida de seu uso no aprendizado de língua com foco apenas no produto e na ultrapassada noção da equivalência entre línguas, em detrimento da dimensão cognitiva.

Marie Källkvist confronta exercícios de tradução e lingüísticos no ensino de línguas estrangeiras no artigo “The effect of translation exercises versus gap-exercises on the learning of difficult L2 structures: Preliminary results of an empirical study” (pp. 163–184) cujo objetivo é verificar qual a importância da tradução nas tur-

mas de L2. A autora, como faz também Schjoldage, ressalta a lacuna em pesquisas empíricas e a falta de metodologia apropriada aos diversos níveis de estudo de L2.

Finalmente à pergunta-título do artigo “Do English-speakers really need other languages?” (pp.185–195), Stephen Barbour vai além da aposta pedagógica da tradução como sugerida por Malmkjær para superar as desvantagens do monolingüismo. Como o excesso de confiança no inglês como “língua universal” não dá conta das dificuldades de compreensão por conta das suas variações e do papel desempenhado pelas normas (Toury, 1995), Barbour propõe a transformação das escolas de tradução, independentemente de sua localização, em cursos ou institutos internacionais.

Assim, tendo a pedagogia da tradução como tema, o livro constituiu-se, com seu olhar múltiplo e abrangente na abordagem teórico-prática, uma enriquecedora resposta à frase final do artigo de Holmes: “Let the meta-discussion begin” (1972/1988: p. 79).

Tânia Mara Moysés  
UFSC